

CAMINHADAS ECOLÓGICAS E ECOLOGISMO: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO ECOANDO – ECOLOGIA & CAMINHADAS

Cássio Garcez dos Santos¹

Resumo

O estudo teve por objetivo apresentar as potencialidades e limites das caminhadas ecológicas enquanto modalidade específica de Educação Ambiental, tendo como referência teórica o ecologismo. Buscou-se conceituar e caracterizar as caminhadas ecológicas, sistematizando-se informações sobre o ato de caminhar e algumas correlações com atividades próximas a esta prática, como o excursionismo, o montanhismo e o ecoturismo. Foi adotada a abordagem da Educação Ambiental emancipatória, embasada na educação crítica preconizada por Paulo Freire. A pesquisa é fundamentada na experiência de 20 anos do grupo Ecoando – Ecologia & Caminhadas. Foram realizadas avaliações com os participantes em relação às suas motivações de integração com o grupo, prevalecendo o ‘interesse de contato com a natureza’, o ‘lazer’, ‘as atividades físicas’ e o ‘contato com as interações ecológicas’. A maioria dos entrevistados tem nível superior (74%) e pós-graduação (22%). Os dados indicaram que as caminhadas tiveram um papel importante na percepção, atitudes e posicionamentos dos integrantes do grupo, denotando o potencial de transformação que esta atividade, desde que devidamente planejada e orientada, pode proporcionar.

Palavras-chave: Ecologismo; caminhadas ecológicas; educação ambiental.

Abstract

The study aimed to present the potentialities and limits of ecological walks while specific modality of Environmental Education, with reference to the theoretical ecologism. We attempted to conceptualize and characterize the nature walks, systematizing up information about the act of walking and some correlations with activities close to this practice, like hiking, mountaineering and ecotourism. We adopted the Environmental Education emancipatory approach, based on critical education advocated by Paulo Freire. The research is based on an experience of the group Ecoando - Ecologia & Caminhadas (Ecoando – Ecology and Hiking), during 20 years. Evaluations were conducted with participants regarding their motivations for integration with the group, whichever 'interest in contact with nature', the 'leisure', 'physical activity' and 'contact with the ecological interactions'. Most respondents have higher level (74%) and graduate (22%). The data indicated that the hikes had an important role in the perception, attitudes and positions of the members, showing the potential for change that this activity, if properly planned and targeted, can provide.

Keywords: Ecologism; ecological hiking; environmental education.

¹ Graduado em Psicologia, Especialista em Planejamento Ambiental/Educação Ambiental - UFF e Mestre em Ciência Ambiental - UFF. Guia especializado em atrativo natural pelo SENAC - RJ, com credenciamento pelo Ministério do Turismo. **E-mail:** cassioecoando@gmail.com

Introdução

O movimento de pessoas que buscam um contato mais íntimo com as áreas silvestres, sobretudo nas unidades de conservação (UCs), tem se intensificado ao longo das últimas décadas, proporcionalmente ao flagrante e acelerado processo de degradação ambiental, extinção de espécies, aumento da poluição e da violência urbana. Tal movimento vem se manifestando, informal ou organizadamente, através de várias modalidades de atividades de esporte, lazer e turismo – como no excursionismo, no montanhismo e no ecoturismo. Isso indica, em princípio, um aspecto positivo para a conservação do meio ambiente, já que uma parcela considerável da população parece buscar conhecimentos, e assim valorizar o patrimônio socioambiental local, através de suas práticas recreativas em locais melhor preservados.

Mesmo diante da constatação dos riscos de impactos negativos advindos de atividades de contato direto com a natureza, percebe-se uma tendência promissora em diversas destas atividades, tais como: a conscientização e responsabilização do participante pelas suas ações e posturas em relação aos locais visitados e populações nativas, além de uma crescente valorização dos aspectos filosóficos e éticos destas práticas. Nessa perspectiva, tem-se observado novas práticas socioambientais em alguns grupos de montanhismo e caminhadas ecológicas (CEs), denotando maior responsabilidade em relação à natureza, um relacionamento mais respeitoso com comunidades locais e, também, entre os próprios participantes, muito além da simples recreação em seus momentos de lazer. Félix Guattari (1990) refere-se a este tipo de mobilização transformadora focal como de suma importância para o estabelecimento de uma nova realidade, fundada no que chama de “as três ecologias” e que leva em consideração as dimensões ecológicas do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana.

Assim, o presente artigo, originário da dissertação de mestrado do autor defendida em 2007, tem por objetivo geral debater as potencialidades e os limites das CEs como uma modalidade específica de Educação Ambiental (EA) na perspectiva da difusão de novos valores em torno do meio ambiente, tendo como referência o ecologismo, enquanto corrente teórica; a educação crítica permanente de Paulo Freire, como embasamento pedagógico; e a Educação Ambiental Crítica ou Transformadora, como a vertente da EA brasileira que mais se coaduna com os propósitos emancipatórios daquela atividade. Os objetivos específicos são: (i) caracterizar, conceituar e contextualizar a caminhada ecológica como uma dimensão vivencial do ecologismo; (ii) apresentar as experiências de CEs do grupo Ecoando, ao longo dos seus vinte anos de existência; e (iii) promover avaliação das eventuais mudanças de percepção e atitudes dos participantes a partir da CEs.

O desenvolvimento da pesquisa se baseou na experiência do grupo Ecoando – Ecologia & Caminhadas - que completa 20 anos de existência em 2013, sob a coordenação do autor deste artigo e que também é guia credenciado de caminhadas. Com características de um grupo ecologista, utiliza as caminhadas como práxis educacional, estimulando mudanças de posicionamentos e de comportamento nos seus participantes.

A metodologia adotada se baseou no tripé: a) levantamento bibliográfico e construção de um quadro referencial teórico; b) pesquisa documental sobre as CEs e sobre o grupo Ecoando, em particular; c) pesquisa de campo através de questionários junto aos participantes das CEs promovidas por esta organização e entrevistas junto aos representantes de outros grupos de caminhadas existentes na cidade do Rio de Janeiro. Foram aplicados questionários que ajudaram na avaliação do perfil dos participantes da CEs e as possíveis contribuições e impactos na percepção do mundo e na prática socioambiental de seus adeptos. No questionário, foram exploradas as seguintes dimensões: a) sensorial (percepção); b) emocional (sensibilidade, interesse); c) cognitiva (conhecimento, consciência); d) social (vivência social); e) pró-ativa (adoção de atitudes, posicionamentos, cuidados e engajamento em recuperação ambiental).

Referenciais teóricos e pedagógicos

Adotado como instrumento desvelador da problemática suscitada no presente artigo, qual seja, a das potencialidades e dos limites das caminhadas ecológicas como prática emancipatória, o ecologismo é definido como "*um projeto político de transformação social, calcado em princípios ecológicos e no ideal de uma sociedade não opressiva e comunitária*", segundo Lago e Pádua (1984) e entendido aqui como um movimento ou sistema filosófico totalizante. Ou seja, assim como outros movimentos com a mesma característica conceitual – feminismo, capitalismo, etc. – penetra em todos os campos da existência, implicando, no caso do ecologismo, tomar por base os ensinamentos da ecologia. No entanto, diferencia-se desta ciência e também de outros sistemas de defesa do meio ambiente – como o ambientalismo, o conservacionismo e o preservacionismo - justamente por seu caráter integrador crítico, dinâmico e transcendente destas e de outras instâncias, e por também pleitear criar um projeto ecológico de civilização.

Tal projeto, que também busca ir além dos atuais sistemas socioeconômicos, se fundamentaria no ecocentrismo, que, conceitualmente, estaria situado além do antropocentrismo, do cosmocentrismo e do biocentrismo, categorias cada vez mais utilizadas na literatura segundo Soffiati Netto (1995) e Lago; Pádua (1984). Isso porquê, o foco das atenções no próprio homem como centro do universo, continuaria a agravar um modelo excludente de pensamento em que o ser humano se fecha em si mesmo. Já no cosmocentrismo, a abordagem poderia levar a uma diluição na amplitude do infinito, o que, por sua vez, desembocaria levaria ao acentrismo. E, pelo contrário, no biocentrismo, apenas a vida seria objeto das preocupações, relegando a segundo plano tudo o que fosse abiótico. O ecocentrismo, por outro lado, fixaria adequadamente o foco nos ecossistemas e na ecosfera. Nas palavras de Soffiati Netto (1995, p. 110): "*na perspectiva ecocêntrica, os ecossistemas e os seres vivos têm valor intrínseco. Isto não implica enfatizar os direitos da natureza contra os direitos do homem, numa rejeição do humanismo, tampouco ampliar os direitos do homem na defesa da natureza e dos ecossistemas. Trata-se, isto sim, de estender os direitos humanos à natureza*".

Esta compreensão nos conduz ao debate sobre uma nova abordagem em torno das CEs, concebendo-as como prática ecologista que contempla uma crítica ou contestação ao modo de vida dominante e uma vivência capaz de contribuir para a produção de novos aprendizados, sentimentos e experiências na relação com o ambiente, o que, nessa última acepção, as enquadrariam na modalidade de Educação Ambiental (EA) Emancipatória, ou uma práxis com potencial de transformação social.

A Educação Ambiental Crítica, Transformadora ou Emancipatória, é uma das duas principais vertentes da EA brasileira, segundo diversos autores (PEDRINI, 1998, LIMA, 1999; CARVALHO, 2002; REIGOTA, 2004; LOUREIRO, 2005). A mesma se caracterizaria basicamente por uma compreensão crítica da crise ambiental, envolvendo dimensões econômicas, políticas e sociais, visando à promoção da autonomia e liberdades humanas em sociedade e à redefinição do modo como nos relacionamos com a nossa espécie, com as demais espécies e com o planeta. Já a outra modalidade, chamada de Educação Ambiental Conservadora ou comportamentalista por Loureiro (2005), hegemônica no país, se caracterizaria por uma compreensão naturalista e conservacionista da crise ambiental; por despolitização da prática de EA, apoiando-se em pedagogias comportamentalistas; e, por baixa problematização da realidade e pouca ênfase em processos históricos, entre outros fatores.

A opção referencial das caminhadas ecológicas por este bloco da EA, justifica-se pela compreensão de que a educação crítica, que é preconizada por Paulo Freire (1983) e tem suas origens históricas ligadas ao movimento contracultural de 1969, do qual nasceu o ecologismo (entre outros movimentos sociais), mostra-se como um dos meios potencialmente mais eficazes de possibilitar ao cidadão a adoção de uma ação mais responsável e integradora frente aos desafios de uma época histórica. Para este educador, uma época histórica representa uma série de aspirações, de anseios, de valores, em busca de uma plenificação que será possível somente com o engajamento ativo, com a incorporação da criticidade e com a integração do sujeito à permanente busca pela apreensão, pela compreensão crítica e pela resolução desses desafios da atualidade. E, considerando a emergência dos inúmeros problemas e questões relacionados ao meio ambiente, compreendemos que este seja um dos maiores e mais urgentes reptos que a humanidade tem diante de si neste momento e nas próximas décadas.

Origens, conceito e importância das Caminhadas Ecológicas

O termo “caminhada ecológica” tem como base uma das mais singulares, originais e vitais capacidades humanas, ou seja, o ato de andar. A postura ereta, a liberdade das mãos e a perspectiva espacial ampla, características desta peculiar atividade, foram herdadas de nossos ancestrais hominídeos e aperfeiçoadas desde então, o que permitiu ao homem evoluir e alcançar praticamente todos os cantos do planeta em sua busca por melhores condições de vida, novas paisagens e fuga de adversidades (BRYSON, 2003). O contato com novas situações e ambientes diversos proporcionados pelas grandes travessias das populações pré-históricas, pode ter contribuído decisivamente no processo evolutivo do *Homo sapiens* e também no desenvolvimento de uma de suas mais valiosas capacidades: a de adaptação.

Segundo Ceballos-Lacuráin (1996 apud SATLER, 2003, p. 42), o termo “turista” surgiu pela primeira vez em 1800 e foi publicado no Oxford English Dictionary em 1811. Este termo significa, desde então, o indivíduo que viaja pelo prazer de viajar; por curiosidade. Depreende-se, pois, que a curiosidade dos naturalistas os impelia para a busca de seus objetos de estudo, sendo a caminhada obviamente a forma mais usual e acessível de alcançá-los. Além disso, a curiosidade não é atributo apenas de naturalistas, mas de toda a humanidade, assim como a capacidade de caminhar. Nesse sentido, pode-se dizer que a curiosidade é um dos elementos do processo de conhecimento, de ensino e aprendizagem que caracterizam a existência humana, histórica e social (FREIRE, 2003). Como afirma o educador Paulo Freire, *“a educação, como formação, como processo de conhecimento, de ensino, de aprendizagem, se tornou, ao longo da aventura no mundo dos seres humanos, uma conotação da sua natureza, gestando-se na história, como vocação para a humanização”* (p. 20). Com base nessa concepção, pode-se afirmar, mais uma vez inspirados em Freire, que as caminhadas se tornaram a expressão de uma “certa prática educativa”, ampliando este entendimento para além da escolarização formal.

Desse modo, argumenta-se que caminhada, turismo e conhecimento guardam, na sua origem, profunda relação entre si, que em certa medida permanece vigente ainda nos dias atuais. Certas atividades turísticas têm como objeto a própria caminhada em si, como em alguns roteiros religiosos (o Caminho de Santiago de Compostela, por exemplo, que inclui Espanha, Portugal e França), de aventura (como trilhas montanhasas no Nepal) e culturais (roteiros por museus, igrejas etc.), mas todas elas engendram algum nível de desejo pelo conhecimento. O chamado turismo ecológico ou ecoturismo, no qual se incluem dezenas de atividades das mais diversas (escalada, vôo livre, descida de corredeiras etc.), utiliza em muitas delas as caminhadas, o que permite estabelecer nexos entre esta modalidade de turismo e as CEs.

Variações das caminhadas tornaram-se elas próprias atividades-fim, como o excursionismo, o hiking, e o trekking. O trekking, segundo Menezes (2000) e Salvatti (2006a), consiste em caminhadas de mais de um dia sendo, por vezes, confundido com hiking (até um dia), igualmente feitas em locais com riqueza ecológica e paisagística.

As CEs e outras atividades de contato direto com a natureza têm nas trilhas sua locação por excelência, seja como meio de alcançar algum destino, como uma cachoeira ou um pico, ou como fim em si, dando sustentação a tais atividades.

Segundo Salvatti (2006b, p. 1) uma definição de trilha, mais voltada para atividades de contato direto com a natureza é a seguinte: *“são caminhos existentes ou estabelecidos, com diferentes formas, comprimentos e larguras, que possuam como objetivo aproximar o visitante ao ambiente natural, ou conduzi-lo a um atrativo específico, possibilitando seu entretenimento ou educação através de sinalizações ou de recursos interpretativos”*.

Assim, caracterizadas as origens, a importância e as correlações das caminhadas ecológicas com outras atividades e também com os referenciais teóricos que as diferenciam

destas, é possível conceituá-las e caracterizar onde são realizadas. Desta forma, podemos definir caminhada ecológica, como:

Uma atividade educativa e recreativa, que envolve a incorporação de princípios do ecologismo traduzidos na prática de Educação Ambiental de vertente emancipatória; na adoção de critérios de atenuação de impactos socioambientais; e na difusão em linguagem acessível de conhecimentos multidisciplinares ou interdisciplinares sobre os locais visitados, utilizando, para isso, a orientação de profissionais qualificados ou pessoas treinadas. A caminhada ecológica se realiza em locais onde a natureza oferece: 1) algum grau de preservação, conservação ou recuperação ambiental (isto é, que não seja excessivamente antropofornizada); 2) atrativos cênicos, históricos e/ou estéticos; 3) temas relevantes para conhecimento e estudo de temas socioambientais (SANTOS, 2007).

A experiência do grupo “Ecoando – Ecologia & Caminhadas”

O “Ecoando – Ecologia & Caminhadas” é uma organização autônoma, formal, privada e autogerida, que se define como uma instituição autogestiva de ecologismo. Fundado em 15 de agosto de 1993, o Ecoando foi resultado dos ideais de dois psicólogos (Carlos Nery de Sá e Cássio Garcez dos Santos) que almejavam “potencializar os resultados de suas práticas psicoterápicas, por intermédio do contato com a natureza”. Atualmente é coordenado apenas pelo segundo, já que o primeiro precisou ausentar-se por questões pessoais antes do primeiro aniversário do grupo.

O grupo está configurado como microempresa individual, embora somente tenha se formalizado em abril de 2011, ou seja, dezoito anos depois de sua fundação. Na condição de instituição autogestiva mantém-se com as contribuições financeiras de associados e não associados. Os recursos auferidos são revertidos em honorários do trabalho de guia² e coordenação, cobertura de custos operacionais (explorações de novos roteiros, gastos com transporte e alimentação etc.), investimento em qualificação e material de uso comum, gastos com material impresso, entre outros.

A instituição apresenta traços de identidades e divergências em relação às outras instituições que se denominam como promotoras de CEs no Rio de Janeiro. As entrevistas realizadas com líderes de outros grupos constataram que o “contato com a natureza” e a “preocupação com a integridade dos locais visitados” são fatores marcantes de identidade entre essas organizações e o Ecoando. Por outro lado, o franco alinhamento do Ecoando ao ecologismo, o uso mais efetivo e comprometido da EA em suas atividades, assim como a realização de eventos e ações voluntárias de recuperação ambiental e campanhas educativas, são alguns dos principais pontos que diferenciam o grupo dos demais.

² Um dos requisitos básicos para o exercício da função de guia na organização é o credenciamento no Ministério do Turismo, na especialidade “atrativo natural”, uma das únicas – se houverem outras – certificações governamentais de qualificação profissional em atividades de contato direto com a natureza existentes atualmente no país.

A primeira atividade do Ecoando ocorreu em 22/08/1993 na Pedra do Cantagalo, Região de Pendotiba, Niterói. Durante os sete primeiros meses, a organização promoveu atividades quinzenais gratuitas em Niterói, passando à periodicidade semanal, ao mesmo tempo em que foi estabelecida uma taxa de participação. Neste mesmo período, começou a expandir sua área de atuação oferecendo roteiros em municípios vizinhos, bem como viagens em distâncias maiores. Foram sendo incorporadas outras atividades secundárias ou terceirizadas ao longo de sua história, como passeios de barco e descidas de corredeiras em botes, mantidas de forma esporádica até os dias de hoje.

Desde o início, o grupo surgiu como espaço de engajamento socioambiental, desenvolvendo, para isso, trabalhos voluntários e campanhas que buscavam sensibilizar, conscientizar e contribuir com a recuperação e a manutenção da integridade ambiental de locais de interesse ecológico, autonomamente ou em conjunto com outras instituições, governamentais e não governamentais. É reconhecido ainda por colaborar com o poder público, espontaneamente, no trabalho de fiscalização de irregularidades ambientais e no repasse de denúncias aos órgãos responsáveis e à imprensa. O Ecoando é aberto à participação de pessoas com idade a partir dos oito anos e contempla, atualmente, seis modalidades, entre elas: voluntariado, participação avulsa, associação, viagens, atividades sociais extracaminhadas e caminhadas particulares.

O público do Ecoando é composto basicamente por niteroienses, cariocas e moradores da área metropolitana do Rio de Janeiro, com média de idade de 45 anos, segundo levantamento feito com base no cadastro de participantes e associados da instituição (1993-2007).

O Ecoando possui dois veículos de comunicação impressa: a Ecoagenda, onde consta a programação semestral de passeios, dicas e informações sobre níveis de dificuldade e regulamento; e o Ecoinforme, informativo mensal direcionado prioritariamente aos associados da organização e público cadastrado na mala direta, com notícias, avisos e mensagens da coordenação. O Ecoando possui ainda um endereço eletrônico (<http://www.ecoando.com>), onde são veiculadas informações sobre o grupo, relatos sobre atividades, fotos, dicas de segurança e equipamentos, poesias ecológicas, programação semestral, artigos, notícias, destaques, regulamentos, formas de associação e contatos, entre outros dados.

As caminhadas ecológicas do Ecoando

Todas as atividades das caminhadas do Ecoando são pautadas por quatro diretrizes de trabalho, assim descritas: 1) integração consciente, responsável e terapêutica junto à natureza; 2) interação real, respeitosa e enriquecedora com outras pessoas, grupos e comunidades; 3) busca por uma mudança qualitativa de comportamento do participante na relação consigo mesmo, com o meio ambiente e outras pessoas; e 4) conhecimento mais aprofundado do patrimônio socioambiental local, desenvolvendo maior respeito e interesse em defendê-lo e preservá-lo.

O foco de atuação geográfica do grupo se concentra, basicamente, no eixo Niterói-Rio de Janeiro e arredores, além de outros pontos isolados de interesse dentro do Estado do Rio de

Janeiro. O Ecoando possui um repertório de roteiros com mais de trezentas opções, ambientados em ecossistemas diversificados, como matas, grutas, picos, ilhas, praias, restingas, manguezais e campos – em seus diversos estágios de conservação. Todos os percursos são trilhados previamente, em caráter exploratório, com o objetivo de conhecer e mapear aspectos espaciais, atrativos e conteúdos educacionais, além de potenciais riscos. Também são realizadas pesquisas consultando-se fontes primárias, tais como habitantes locais, mateiros e comunidade tradicional; e secundárias: bibliografia (quando existente), documentos eletrônicos e folhetos informativos – com vistas a adaptar e preparar informações a serem repassadas aos participantes sobre o patrimônio socioambiental dos locais visitados. Quando as informações sobre o local são insuficientes, são incluídas outras relacionadas ao ecossistema e ao bioma nos quais a área a ser visita está inserida.

As atividades acontecem, quase que invariavelmente, em finais de semana e feriados, com duração e níveis de dificuldade que variam de 1 a 10, sendo que as graduações ímpares não possuem obstáculos e subidas complexos, ao contrário das pares. Quanto maior a numeração, maior será a distância percorrida e, por conseguinte, o tempo gasto. Os grupos não ultrapassam quinze participantes, em média, com o intuito de atenuar impactos aos ecossistemas visitados. Antes de iniciar a marcha, a pedido do guia, o grupo se coloca em círculo e todos se apresentam. Após um pequeno aquecimento muscular, o guia faz uma preleção sobre cuidados e critérios de atenuação de impacto ambiental, como recomendações para que os participantes tragam de volta todo o lixo produzido e não façam coletas de componentes minerais, vegetais, animais ou históricos/arqueológicos do local, além de outros cuidados.

Em pontos de descanso ou sítios que apresentem temas ou objetos interessantes para estudo, são repassadas informações multidisciplinares e/ou interdisciplinares (conforme a aptidão para este tipo de abordagem), enfocando aspectos ecológicos, históricos, culturais, sociais e outros, além do conhecimento a respeito de impactos ambientais, na medida da oferta de temas e da receptividade dos grupos. Também são difundidas noções de EA e desenvolvidas dinâmicas de sensibilização ambiental.

As caminhadas ecológicas e as mudanças de percepção e atitudes

Dos 918 participantes das atividades do grupo entre 1993 e início de 2007, foram feitos contatos com 226 pessoas, sendo que 125 responderam às questões formuladas para a pesquisa. Destes, 72% moravam em Niterói, 19% no município do Rio ou em outros do Grande Rio e os restantes (9%) em outros municípios. A grande maioria (67,5%) era composta por mulheres. Em relação ao número de participações nas CEs, 58% esteve presente em até nove caminhadas. O restante (42%) teve uma participação mais ativa, apresentando uma frequência igual ou superior a dez caminhadas. Sobre a forma de participação, a maioria (55%) se situou na categoria ‘participantes avulsos’. Do restante, 35% se disseram ‘associados’ e 10% ‘voluntários’.

Sobre os motivos que os levaram às caminhadas, o ‘contato com a natureza’ foi a resposta mais comum (21%), seguida pelo ‘lazer’ (18%), ‘atividade física’ e interesse por atividades ecologistas (ambas com 15%), conforme a Figura 01.

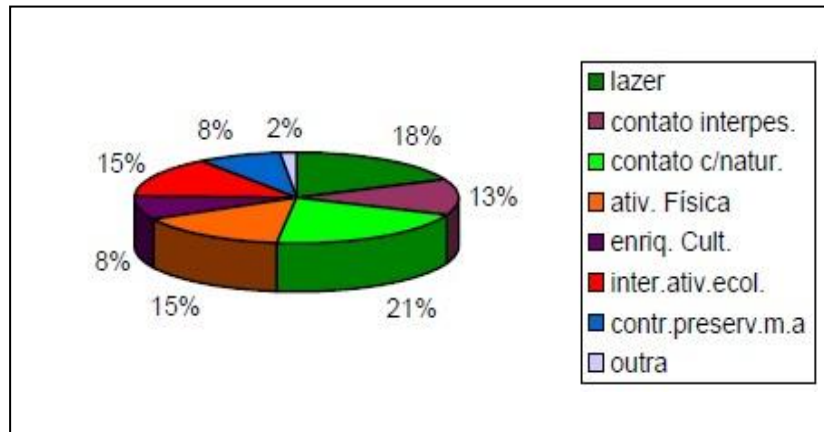


Figura 01. Motivações das CEs do Ecoando

Segundo a Figura 02, os participantes são constituídos, predominantemente por pessoas que concluíram o nível superior completo (74%), sendo que há um número expressivo com pós-graduação (22%), o que indica um público de alta escolaridade, pertencente às classes média e alta. Quase metade (48%) declarou ter renda mensal acima de 10 salários, 31% até 10 salários e 17% até 5 salários. Apenas 4% dos respondentes não informou sua faixa de ganhos mensais.

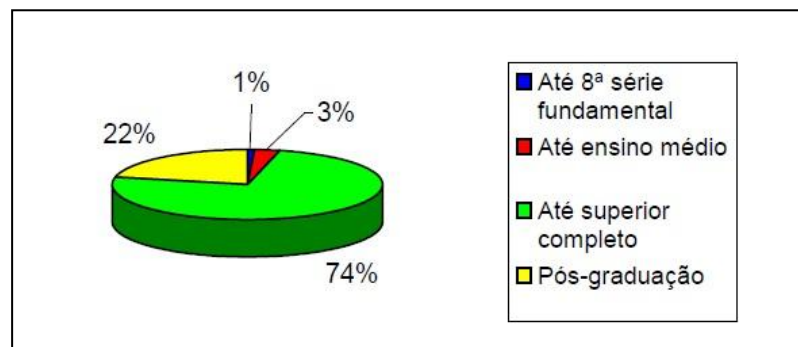


Figura 02. Nível de escolaridade dos participantes das CEs

As questões sobre a percepção de temas socioambientais foram avaliadas com apoio de classificação valorativa das respostas, expressa em três categorias de escores: N (escore zero de respostas, indicando influência nula); B/M (escore de 1 a 3 respostas, indicando influência baixa/média); M/G (escore de 4 a 6 respostas, indicando influência média/grande). A adoção deste critério possibilitou a tabulação, análise e avaliação mais adequadas dos aspectos subjetivos abarcados pelas questões, com relação às possíveis influências das caminhadas na percepção dos participantes. A Figura 03 resume os resultados percentuais das respostas.

Constatou-se que em 60% dos temas apresentados aos participantes, os resultados foram mais significativos prevalecendo os níveis B/M e M/G, em relação às mudanças de percepção/atitude. São eles: percepção de irregularidades ambientais; consciência ecologista; conhecimento sobre impactos ambientais em atividades de contato direto com a natureza; atitudes/posicionamentos ecológicos; cuidados de mínimo impacto ambiental; e recuperação ambiental. No entanto, no restante dos temas como ‘sensibilidade ecologista’, interesse por questões ecologistas’, ‘vivência social’ e ‘conhecimento sobre comunidades tradicionais’, os resultados não foram tão efetivos, podendo-se observar grande percentual de respostas nulas (N).

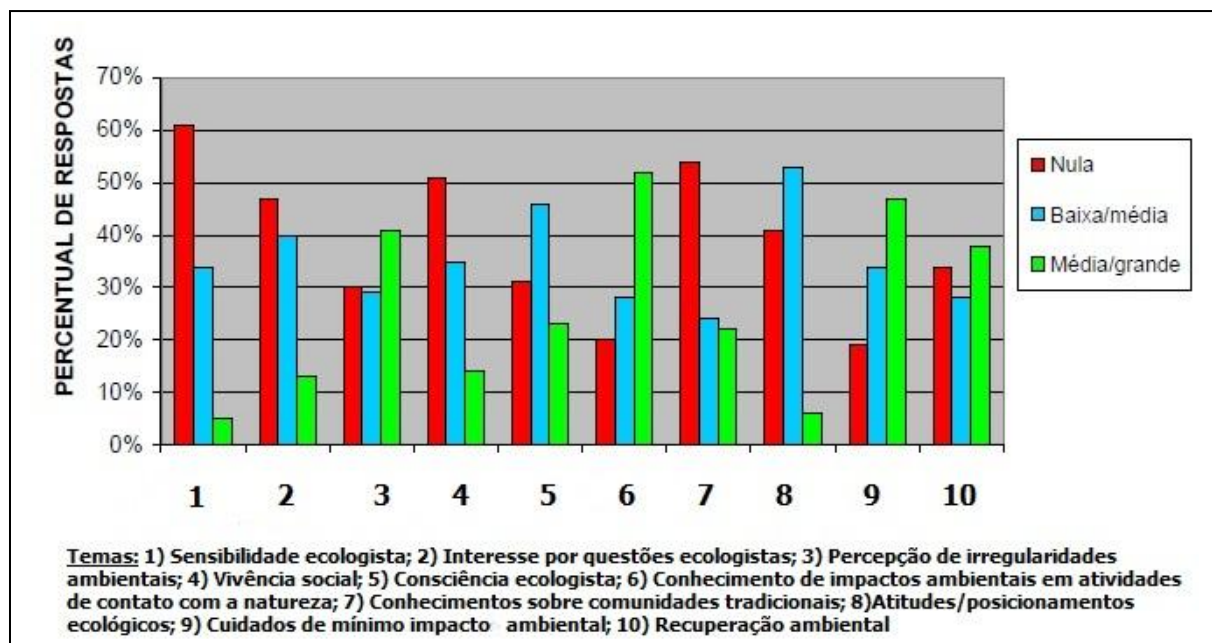


Figura 03. Influência das caminhadas sobre a percepção, atitudes e posicionamento dos participantes do Ecoando, 2007.

Em síntese, os resultados da avaliação indicaram que as CEs do Ecoando, tendo como referência os princípios do ecologismo, da educação crítica de Paulo Freire e da EA de vertente emancipatória, atingem de forma consistente um percentual significativo de seus participantes, podendo trazer contribuições importantes na geração, transformação e/ou melhoria das percepções, comportamentos e atitudes em relação a determinadas questões socioambientais relevantes.

Conclusões

O trabalho procurou interpretar as CEs como uma modalidade específica de EA referenciada ao ideário do ecologismo, tomando como base a concepção de educação crítica e permanente de Paulo Freire e o reconhecimento de que as caminhadas podem se constituir num processo vivencial, se forem orientadas por princípios teóricos que despertem a consciência crítica e promovam a reflexão. Sua prática é uma oportunidade de promover a

sensibilização e a promoção da consciência crítica utilizando-se as trilhas como referencial das experiências na relação com a natureza e com o meio ambiente, em geral.

Antes do início das caminhadas, os participantes são informados e orientados sobre a adoção de regras que objetivam a atenuação de impactos ambientais e o incremento da segurança. Tais regras são permanentemente lembradas ao longo das atividades não têm o caráter apenas de uma preleção, pois algumas são mais difíceis de serem compreendidas e assimiladas e servem como mote para a EA. Os participantes não recebem o que se poderia chamar de ‘adestramento ambiental’, pois o caminhante tem a oportunidade de refletir criticamente sobre as regras e as técnicas de minimização de impactos adotadas e também sobre questões mais gerais da EA, podendo desta forma enriquecer não apenas sua cultura, mas também transformar seu modo de pensar sua relação com o meio ambiente e se sensibilizar para mudar suas atitudes. Aqui, a educação crítica Freireana e a EA mesclam-se, permitindo considerar as caminhadas como prática emancipatória, já que envolvem processos de aprendizagem, sensibilização, tomada de posição e mudança de comportamentos em relação ao meio ambiente e à sociedade.

Em geral, ao longo das caminhadas tem-se observado um incremento da interação interpessoal entre seus participantes, principalmente naquelas de maior nível de dificuldade. Isso se deve, em parte, à necessidade de apoio mútuo na superação das adversidades silvestres e dos obstáculos do percurso, num clima de camaradagem que uma atividade recreativa coletiva geralmente propicia a seus integrantes e que contribui para o resgate de vivências ancestrais significativas latentes no inconsciente coletivo dos participantes. Este maior nível de integração social sugere um potencial na assimilação crítica de conteúdos educativos.

A atuação e as experiências do grupo Ecoando demonstram possibilidades concretas do exercício das CEs como práxis de EA, além de identificar alguns resultados evidenciados na sensibilização, na conscientização e na mudança de comportamento de seus participantes. Nessa perspectiva, o trabalho do grupo evidencia o exercício de uma estratégia pedagógica expressa nos seguintes itens:

- ✓ implementação de propostas de trabalho que visam a uma maior e melhor integração dos participantes ao meio ambiente e também maior interação interpessoal, além da busca pela mudança de atitude de sua relação com a natureza e com a natureza humana, concomitantemente à recreação;
- ✓ uso de técnicas de sensibilização e experiências vivenciais orientadas e ricas em conteúdos multidisciplinares/interdisciplinares que possibilitam o estímulo de instâncias cognitivas, sensoriais e emocionais, incrementando assim o potencial transformador das caminhadas;
- ✓ uso efetivo de técnicas de atenuação de impacto ambiental e procedimentos de manutenção e recuperação de áreas de uso nas atividades;
- ✓ disponibilidade e tradução de informações e conhecimentos sobre locais visitados e temas socioambientais, que incentivam o participante a conhecer melhor a realidade local, regional e mesmo planetária, possibilitando a emergência de questionamentos,

sentimentos e posicionamentos mais alinhados com a causa ecologista, assim como ações mais críticas e pró-ativas;

- ✓ busca do atendimento dos três princípios fundamentais do ecologismo, que são o redimensionamento do humanismo ocidental pós-cartesiano; a valoração intrínseca da natureza; e o resgate do “natural no homem” concomitantemente à restituição do meio ambiente na história, conforme mencionado por Soffiatti (1995).

Espera-se, com os resultados desta pesquisa, tornar ainda mais eloquente a necessidade por ações institucionais e políticas públicas que resguardem as CEs de seu desvirtuamento em práticas destituídas de sentido transformador, possibilitando que esta atividade possa contribuir, lado a lado, com outras práticas de EA e iniciativas ecologistas, para a construção de uma sociedade mais democrática, coerente e socioambientalmente mais sustentável.

Referências bibliográficas

ANDRADE, W. J. de. **Manejo de trilhas**. Disponível em:

<http://www.infotrilhas.com/int05_bibliot-man.htm>. Acesso em: 22 abr. 2007.

BRYSON, B. **A short history of nearly everything**. London: Transworld Publishers, 2003.

CARVALHO, I. C. M. O "ambiental" como valor substantivo: uma reflexão sobre a identidade em EA. **Textos escolhidos em Educação Ambiental**: de uma América à outra, Montreal: *Publications ERE-UQAM*, T. 1, p. 85-90, 2002. Disponível em:

<<http://www.apoema.com.br/ArtigoEA.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2007.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 2003.

GUATTARI, F. - **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

GUIA QUATRO RODAS. **Turismo Ecológico no Brasil**. São Paulo: Abril, 2000.

LAGO, A.; PÁDUA, J. A. **O que é ecologia**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos)

LIMA, F. B. de et al. Caminhada Interpretativa na natureza como instrumento para educação ambiental. In: ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO: ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS, 2, 2003, São Carlos. Anais... São Carlos, SP, 2003. Disponível em:

<www.saofrancisco.edu.br/laboratorios/campus_bp/nea/textos/download.asp?filename=arquivo3.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2007.

LIMA, G. F. C. Questão conceitual e educação: contribuições para o debate. **Ambiente & Sociedade**, Campinas: Nepan/Unicamp, Ano II, n.5, p. 135-153, 1999. Disponível em:

<http://www.ufmt.br/gpea/pub/GuLima_questEA.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2007.

LOUREIRO, C. F. B. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em Educação Ambiental. **Educação e Sociedade**, Campinas, n.93, p. 1473-

1494, 2005. <Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a07v27n94.pdf>>. Acesso em: 24 de abril de 2007.

MENEZES, P. C. e . **Transcarioca**: todos os passos de um sonho. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

PEDRINI, A. G. (Ed.). **Educação ambiental**: reflexões e práticas contemporâneas. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

REIGOTA, M. A Educação Ambiental frente aos desafios contemporâneos. In: CONGRESSO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2. , 2004, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www./des.unig.ch/bioEd/2004/pdf/ambiental.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2007.

SALVATI, S. S. **Turismo em áreas naturais ou turismo de natureza**. Disponível em: <<http://www.ecosfera.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2006a.

_____. **Trilhas**: conceitos, técnicas de implantação e impactos. Disponível em: <<http://www.ecosfera.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2006b.

SANTOS, C. G. **Educação Ambiental e ecologismo nas trilhas das caminhadas ecológicas**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Curso de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (PGCA), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

SATHLER, E. - **Tropeiros e outros viajantes**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito (PPGSD), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

SOFFIATI NETTO, A. A. - **De um outro lugar**: devaneios filosóficos sobre o ecologismo. Niterói: EdUFF, 1995.